



## ÁLVARO DE CAMPOS

### 4. MELANCOLIA

*O tédio transforma-se em melancolia depressiva.*

Mário Eloy (1900-1951). Fábricas. 1928-30. Col. Antiks design, Lisboa.



«Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas, que nem são países, nem momentos, nem vidas.»

## II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes cidades

E a mão de mistério que abafa o bulício,  
 E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe  
 Para uma sensação exacta e precisa e activa da Vida!  
 Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios  
 E que misterioso o fundo unânime das ruas,  
 Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,  
 Ó do «Sentimento de um Ocidental»!

Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas.  
 Que nem são países, nem momentos, nem vidas.  
 Que desejo talvez de outros modos de estados de alma  
 Humedece interiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,  
 Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas  
 Como um mendigo de sensações impossíveis  
 Que não sabe quem lhas possa dar...

Quando eu morrer,  
Quando me for, ignobilmente, como toda a gente,  
Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,  
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não assomaríamos  
Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece,  
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,  
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,  
Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que parece,  
Platão sonhando viu a ideia de Deus  
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível.  
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,  
Por esta hora que eu não sei como viver,  
Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,  
Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,  
Cujas sombras vêm de qualquer outra coisa que não as coisas,  
Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível  
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que eu não tenho nem quero ter.  
Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio  
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,  
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria  
— Tu que me conheces — quem eu sou. . .

30-6-1914

“Dois Excertos de Odes (Fins de duas odes, naturalmente)”. **Poesias de Álvaro de Campos**.  
Fernando Pessoa. Lisboa: Ática, 1944 (imp. 1993): 160.

1ª publ. in **Revista de Portugal**, nº4. Lisboa: Jul. 1938.